

1

T0833
REY
CLi 0337
SIST. 09394

16 de março de 1950

MEIO DE SEMANA

Seríamos mais objetivos se consultássemos algumas estatísticas. Mas mesmo sem o testemunho nítido dos números, podemos hoje avaliar, melhor seria dizer imaginar, a multidão de escritores do mundo, a quantidade de editoras na Europa e na América, a soma total dos livros de ficção que se publicam todos os dias, em tantas cidades da terra. Ontem, quando o mundo era mais paisagem que edifício, e as distâncias mais imprevisível que vôo e comunicação instantânea, quando o mundo era lento a ponto de se poder comparar a fuga do tempo à tranqüilidade das águas de um arroio calmo, os homens podiam se iludir imaginando que estavam escrevendo para ficar, talvez não para a eternidade de dois ou três séculos, mas ao menos para o comentário de mais uma geração. Ontem, isso era possível. E aqueles autores que agora estão esquecidos, e que de vez em quando encontramos com nomes em lápides melancólicas pelas páginas de antigas revistas literárias, são bem o testemunho da qualidade transitória de suas vidas. Folheando ao acaso uma coleção de *Les nouvelles litteraires* do ano longínquo de 1937, andei contando cerca de cento e tanto nomes de escritores de livro recém publicado, romance, poesia, ensaio, coisas que no momento pareciam estar galvanizando a opinião e que hoje jazem no mais repousado e definitivo dos esquecimentos. Naturalmente, muitos deles pensaram em durar, talvez mesmo em durar após a morte, e por adiantamento gozavam essa sensação meio ridícula de ligeira imortalidade, desejo muito humano e perfeitamente explicável de permanecer. Entretanto, mal contavam com

o número cada vez maior de concorrentes. As dez, vinte, cem editoras da Europa literária, dia a dia, punham mais livros, mais autores, mais estados de alma no mercado do papel impresso. E não era só na Europa que isso acontecia. Também na veloz América dos escritores de espírito livre, construtores de novas formas de arte, editores monumentais produziram novidades. Também na lírica, impetuosa e um pouco incoseqüente Sul América, ao lado dos poetas galopando florestas, rios e cidades misteriosas, o romance e o ensaio se multiplicavam. O mundo todo passou a ser o vasto público através das traduções, o inumerável escritor que de repente aparece com a sua mensagem, brilha um instante, naufraga no tempo que destrói todas as formas. Mas com tantos espíritos se confessando, com tão grande número de máquinas tatalando incansavelmente o poema, a novela, a história do esforço e do deslumbramento dos homens neste mundo inexplicável, ainda assim, a humanidade não disse tudo, não se disse todas as coisas que têm necessidade de ouvir de seus líricos e pensadores. Na infinita paisagem desse espírito que anima a angústia, o drama e a felicidade momentânea dos homens, a capacidade da palavra ainda não foi esgotada. Talvez não valha a pena escrever mais um livro, trabalhar sobre o texto de um poema, pensar ainda na beleza que os conservou, até agora irrelada. Todos os escritores passam, todos os livros serão amortlhados pelo podo esquecimento. Mas outros escritores virão, novos entusiasmos procurarão, através do sacrifício, descobrir outras¹ e a ilusão persistirá para sempre, necessária e misteriosa como a própria vida.

¹ Erro de impressão no original